

TE 310

Concurso Capixaba de Dramaturgia, II
Mamãe Desceu ao Inferno - Peça Teatral

BR. TBES. C. 793

Os vencedores do concurso de teatro

Tinoco dos Anjos

Amylton de Almeida, escritor e jornalista de A GAZETA, foi o vencedor, com a peça **Mamãe Desceu ao Inferno**, do II Concurso Capixaba de Dramaturgia — Prêmio Cláudio Bueno Rocha, na categoria de teatro adulto. No gênero infantil, ganhou Milson Henriques, com a peça **O Boom da Poluição**. A comissão julgadora, que anunciou ontem à tarde os resultados, foi formada pelo cenógrafo Pernambuco de Oliveira, pela professora de Literatura da Ufes Denny Gomes, pelo jornalista de A GAZETA Antônio Augusto Rosetti, pelo presidente da Federação Capixaba de Teatro Amador (Fecat). Renato Saudino e pelo crítico de teatro de A GAZETA, Tinoco dos Anjos.

Foram ainda concedidos os seguintes prêmios: teatro adulto — em segundo lugar, **Alice Diabólica**, de Elber Suzano; em terceiro, **Honrados Ladrões e Santos Servos do Diabo**, de Debson Jorge Afonso e Alvarito Mendes Filho.

Menções honrosas foram dadas a **El Gran Nanica Circo**, de Carlos Magno Godoy e Marcelo Ferreira; **Frei Pedro**, de Paulo e Paula e Ivan Reis e **Rádio-Novela**, de Jonas Reis. Na categoria de teatro infantil, os outros prêmios foram: em segundo lugar, **O Parque da Lua-Pequeno Escrito Satírico Musicado Para Atores e Bonecos**, de Beto Costa e, em terceiro, **Super Aventura na Terra Onde Criança é Gente Grande**, de Jonas Reis. Todos os prêmios (Cr\$ 50 mil para os primeiros lugares; Cr\$ 30 mil para os segundos e Cr\$ 20 mil para os terceiros) deverão ser entregues pelo Departamento Estadual de Cultura na próxima semana, em solenidade no Teatro Carlos Gomes. Cada primeiro lugar receberá ainda uma ajuda de montagem, no valor de Cr\$ 100 mil, do Serviço Nacional de Teatro, devendo, para isso, ser feito um requerimento pelo grupo responsável.

Ao II Concurso Capixaba de Dramaturgia concorreram dezenove textos, cinco dos quais infantis.

Repressão, humor, corrupção e história

Mamãe Desceu ao Inferno focaliza uma família de classe média alta e se passa em Vitória num período de quase dez anos, a partir de 1972. O texto é forte, maduro, com grande domínio da carpintaria teatral e reflete o clima de fechamento político da época no Brasil. A peça tem na mãe, Dina, 47 anos, o personagem mais forte, mais repressor e reprimido; Alarico, o pai, espera o tempo passar, impassível; Bruno, o filho, 21 anos, registra a repressão política e é atacado por ser homossexual; Cláudia, a filha mais velha, tem uma vida submissa no casamento; Jaime, o cunhado, imigrante português, é o símbolo do reacionário e oportunista, sempre em busca de bons negócios; e Geraldo, o filho mais novo, tem pouca presença na história. Além da qualidade literária do texto, o autor foi bem sucedido na criação dos personagens das três cartomantes que frequentemente aparecem em cena para abordar o futuro político imediato vivido pelo país, a partir especialmente da década de setenta.

Eis alguns trechos do final do primeiro ato de **Mamãe Desceu ao Inferno**: **Alarico** — Você espregueira, vigia, ouve e espera, parecendo a morte. **Dina** (após pausa: pensativa) — Eu poderia fazer um monte de perguntas. Mas sei que nenhuma delas terá resposta. Eu preciso de silêncio, eu preciso ficar só, mas tenho medo dos trovões e dos relâmpagos (Abre a lata sobre a mesa. Pega um punhado de farinha. Engole. Senta-se). Meu filho partiu. A casa parece vazia. O vento sacode as janelas. E de noite. Será que tem estrelas? Eu não sei o que é alegria. Eu não sei o que é tristeza. Eu não deveria falar. **Alarico** — Embora o amor seja simples. **Dina** — E verão, não é mesmo? Mas o cheiro que vem do jardim não é o de rosas; esta agitação nas janelas não é o vento que eu temo, mas o futuro. O futuro, pontual, sem ponteiros. E no meio

disto tudo Deus espera que eu o enuncie de volta à minha casa, à minha vida. Mas eu me calarei e não direi uma só palavra em favor dele, porque eu posso anunciar o desespero e a desordem. Se ele batesse na porta, eu ia demorar para atender. Se ele insistisse, eu ia me levantar daqui, parar de ter medo do vento, parar de comer farinha, me levantar, abrir a porta e dizer pra ele: "entre. Aqui é mesmo a morada do desafeto". (pausa). **Alarico** — E preciso esquecer, como todo mundo. **Dina** (volta a comer farinha; pausa) — E preciso esquecer. A fúria, o alarido, o escândalo, a desordem. E preciso esquecer, inclusive as coisas importantes sobre o amor (pausa). Eu só tenho coragem para viver o tempo presente".

O segundo lugar do concurso, **Alice Diabólica**, foi escrita pelo jornalista capixaba Elber Suzano, atualmente radicado em Linhares, onde fundou o Grupo de Teatro Elenco. Sua peça, muito bem desenvolvida, narra o insólito relacionamento entre Alice, uma mulher de 23 anos e Carlos Eduardo, de 26 anos, ambos vivendo numa pensão de interior. Os dois vivem momentos de amor e ódio, tudo mostrado sob o ponto de vista do humor. **Honrados Ladrões e Santos Servos do Diabo**, de Debson Jorge Afonso e Alvarito Mendes Filho (membro do grupo de música Janela Aberta), é uma divertida história de corrupção no interior do país, envolvendo representantes da Igreja e do poder local. Quanto às três menções honrosas concedidas, **El Gran Nanica Circo** é uma nova sátira, inteligente e bem feita, de Carlos Magno Godoy e Marcelo Ferreira, autores de **Universus Sancty Spirits Federalis**; **Frei Pedro**, sobre o constutor do Convento da Penha, tem o mérito de registrar um acontecimento e um personagem da nossa história, além de atrair o compositor vilavelhense Ivan Reis para uma parceria com Paulo de Paula. Das demais peças premiadas, falaremos posteriormente.

O autor do primeiro lugar

Capixaba, 35 anos, jornalista, crítico de cinema, escritor (publicou o romance **A Passagem do Século**), Amylton de Almeida já escreveu as peças **Nossa Senhora das Roupas Estranhas** e **Os Homens Verdes** (com Maura Fraga), **Carmélia, Por Amor e Tem Xiririca na Bixanxa**, com Milson Henriques. **Mamãe Desceu ao Inferno** é sua primeira peça sem parceria.

As que você pretende com a peça?

— Esta peça é um drama, uma peça séria, sobre um assunto terrível: a repressão nos anos 70. Eu pretendi discutir ideologia, de como a ideologia serve para destruir e manipular pessoas. Na década de 70, a juventude, perdida, entre as drogas, o sexo e a política e, contra ela, a ideologia do ufanismo, do fascismo, o terror. Apenas um personagem tem consciência e fala das "antenas" que surgiram na década de 80, da percepção a que chegamos hoje. A peça discute isto, e mais a solidão humana, a fragilidade de nossos atos, a violência. A mãe pega o telefone e denuncia os filhos. Três cartomantes é que lhe mostram o futuro, a extensão da delação, mas ela não quer saber. Pessoalmente, com o policial, a mãe sente nojo. É através do nojo que ela vai descobrir as coisas, que vai começar a pensar, uma atividade de que as mães têm medo.

A montagem da peça já está prevista? Qual será a equipe? Há uma previsão de estréia?

— A peça começou a ser pensada em Nova Iorque; aqui, alguns amigos leram, acabei chamando — antes de ser conhecida a comissão julgadora — o diretor Renato Saudino para montar. Ele havia aceito, não sei se agora vai aceitar. A peça foi definida depois de uma conversa com os atores Alcione Dias e Agostino Lazzaro, e eu gostaria que eles estivessem no elenco, assim como Antônio Rosa. Talvez seja difícil encenar; a peça se passa numa casa, tem dois planos, a sala de jantar e os quartos do andar superior. Não sei qual seria a concepção de Renato Saudino. Talvez saia até fevereiro, com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro.

Você tem escrito peça com outras pessoas e esta é a primeira sozinha, num texto considerado maduro. Esta peça significa que você vai escrever para teatro, que vai surgir realmente um novo dramaturgo no Espírito Santo?

— Foi difícil escrever esta peça, sofri muito com todo o horror do conteúdo. Mas, ao final, senti uma alegria, por ter conseguido atingir o nível a que havia me proposto, em



Foto de Josemar Gonçalves

Amylton: agora, sem deboche

Nova Iorque, quando decidi, passeando pelo lado East do rio Hudson que, quando voltasse ao Brasil, escreveria alguma coisa sobre a solidão humana. Lá, observei como as pessoas estão condicionadas ao seu meio ambiente, até mesmo a uma solidão implícita. E vi o rosto dos velhos. Então resolvi escrever, sem deboche, como em **Tem Xiririca na Bixanxa**, sobre um tema sério. Pretendo continuar, já estou começando a esboçar um texto que teria como tema o assassinato de um operário. Na verdade, eu estaria falando sobre um colégio de padres, fascista, e a formação que ele teve em toda uma geração e o que aconteceu a esta geração. A falência do machismo e a consequente violência me parecem um bom tema. Eu seria, realmente, um grande autor, se conseguisse escrever sobre isto, sobre a fome, sobre a miséria. Mas ela apenas me dói, enquanto penso. Como transformar isto em termos dramáticos? A carpintaria eu sei, mas me falta o instante, aquele em que as coisas resolvem-se escrever. Como levar para a comunidade, por exemplo, as razões da violência? Se bem que **Mamãe Desceu ao Inferno** discute exatamente isto: a falência do machismo e a ulterior violência. E as antenas que continuam pensando.

Como você situa o homossexualismo nesta peça?

— Foi homossexual, porque um dos filhos é homossexual, como poderia ser um assassino, um estudante e qualquer outra definição. Porque não existe homossexualismo, a peça diz. Existem pessoas e o desejo humano. O resto é ideologia. A delação pode atingir qualquer ser humano que pense diferente num contexto fascista. Não é uma peça sobre homossexualismo. É uma peça sobre o fascismo na década de 70 no Espírito Santo.